

Dos 5 aos 17 anos, infectados pelo Sars-CoV-2 têm covid-19 por, em média, uma semana, mostra estudo britânico. Ao analisar quase 7 mil pacientes nessa faixa etária, cientistas não detectam casos cujos sinais da doença duraram mais de quatro meses

Risco menor de covid prolongada

» PALOMA OLIVETO

Os sintomas da infecção por Sars-CoV-2 são menos comuns e têm duração mais curta em crianças e adolescentes de 5 a 17 anos, segundo um estudo publicado, ontem, na revista *The Lancet Child and Adolescent Health*. A pesquisa constatou que, em pacientes dessa faixa etária, a cura ocorre, em média, em uma semana. Menos de um em cada 20 sintomáticos apresentou sinais da doença dentro de um mês e, em oito semanas, todos estavam completamente recuperados. Em adultos, estudos indicam que até 80% dos que testam positivo para o vírus sofrem com a forma prolongada da covid-19.

Para o estudo, pesquisadores do King's College de Londres analisaram relatórios diários de saúde registrados por pais e responsáveis de crianças em um aplicativo chamado Zoe Covid Symptom Study. O app foi desenvolvido para a realização de pesquisas sobre a duração dos sintomas da covid-19. No intervalo entre março de 2020 e fevereiro de 2021, foram incluídos dados de 250 mil pessoas de 5 a 17 anos, sendo que, dessas, quase 7 mil tiveram covid, o que foi comprovado pela associação dos sintomas consistentes e pelo teste positivo para o vírus.

Somente 4,4% (1.734) apresentaram sintomas por quatro semanas, enquanto que, em 1,8% dos casos, as manifestações da doença chegaram a dois meses. Em média, os sintomáticos sofreram seis ocorrências diferentes da covid na primeira semana e cerca de oito na duração total

Josep Lago/AFP



A duração da doença é maior na faixa dos 12 aos 17 anos: dor de cabeça é mais comum no início da infecção

da doença. Diferentemente dos estudos realizados com adultos, não houve relatos de sequelas neurológicas graves, como ataques ou convulsões, diminuição da concentração ou ansiedade.

De acordo com o estudo, adolescentes ficaram doentes por mais tempo do que as crianças pequenas — a duração média da covid foi de sete dias naqueles com 12 a 17 anos, e de cinco dias nos pacientes de 5 a 11. Os mais velhos também foram mais propensos a apresentar sintomas após quatro semanas (5,1% contra 3,1% no caso dos menores). Não houve, porém, diferença significativa no número de pessoas sintomáticas

após oito semanas (2% dos adolescentes e 1,3% das crianças).

“Nós sabemos, por outros estudos, que muitas crianças que contraem o Sars-CoV-2 não apresentam nenhum sintoma; e será reconfortante para as famílias saberem que é improvável que aquelas que adoecem com covid-19 sofrerão efeitos prolongados”, comenta Emma Duncan, professora de endocrinologia clínica do King's College. “No entanto, nossa pesquisa confirma que um pequeno número tem a doença de longa duração, embora essas crianças também, geralmente, se recuperem com o tempo. Esperamos que nossos resultados sejam úteis para médicos, pais e escolas que cuidam dessas

crianças — e, claro, para as próprias crianças afetadas.”

O sintoma mais comum e mais persistente relatado por pais e responsáveis de crianças com a covid de longa duração foi a fadiga (84%). Dor de cabeça e perda do olfato também foram comuns (77,9%). A cefaleia era mais vivenciada no início da infecção, enquanto a anosmia tendia a ocorrer mais tarde e persistir por mais tempo.

Gripes e resfriados

Os pesquisadores também avaliaram as crianças com teste negativo para covid-19, mas que, devido aos sintomas, podem ter tido outras doenças comuns na infân-

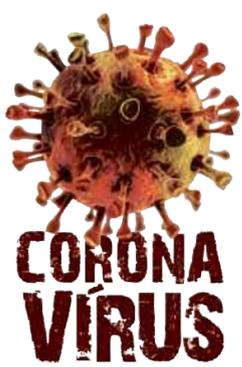
cia, como resfriados e gripes. Para tanto, eles selecionaram aleatoriamente um grupo de participantes da mesma faixa etária com manifestações semelhantes às descritas pelos pacientes, porém não infectadas pelo Sars-CoV-2.

Ao comparar os grupos, observou-se que as crianças com covid-19 ficaram doentes por mais tempo, comparado às que testaram negativo e tinham outros tipos de infecção (média de seis e três dias, respectivamente). Além disso, as com PCR positivo apresentaram probabilidade maior de adoecerem por mais de quatro semanas (4,4% contra 0,9%). No entanto, passado esse período, o pequeno número de participantes com ou-

tras doenças infecciosas passou a apresentar mais sintomas que as com covid (cinco e dois sintomas, respectivamente).

“Essa pesquisa ressalta que outras doenças infecciosas, como resfriados e gripes, também podem levar ao desenvolvimento de sintomas prolongados em crianças, e é importante considerar isso ao planejar os serviços de saúde pediátrica durante a pandemia e depois dela”, observa Michael Absoud, autor sênior do estudo e professor do King's College de Londres. “Isso será particularmente importante, dado que a prevalência dessas doenças tende a aumentar quando as medidas de distanciamento físico implementadas para prevenir a disseminação de covid-19 são relaxadas”, diz.

Os autores observam, porém, que não puderam comparar os sintomas relatados pelos pais e responsáveis com os registros de saúde dessas crianças, podendo “haver inconsistências na maneira como as pessoas interpretam os sintomas em nome de seus filhos”. Caroline Relton, professora de epidemiologia epigenética da Universidade de Bristol, na Inglaterra, que não participou dessa pesquisa, observa que estudos sobre covid prolongada em crianças ainda têm limitações por falta da própria compreensão sobre essa condição. “Não se sabe quantas crianças têm ou desenvolverão covid por muito tempo. Até o momento, os estudos que tentaram medir isso sugerem que é raro. No entanto, a falta de compreensão clínica da covid longa, incluindo nenhuma definição acordada, torna isso difícil”, opina.



Nanocorpo desarma a Delta

Moléculas microscópicas chamadas nanocorpos desenvolvidas na Universidade de Pittsburgh, nos EUA, são eficazes para neutralizar a variante Delta do Sars-CoV-2 em modelos animais, segundo pesquisa da instituição e da Universidade Case Western Reserve. A descoberta, anunciada na revista *Nature Communications*, descreve três mecanismos diferentes pelos quais os nanocorpos desarmam o vírus, impedindo-o de infectar as células e causar covid-19.

A análise estrutural de nível quase atômico fornece orientação para o desenvolvimento de futuras vacinas e terapêuticas que podem funcionar contra uma ampla variedade de coronavírus — incluindo variantes que ainda não estão em circulação, disseram os pesquisadores. “Essa é a primeira vez que alguém classificou sistematicamente nanocorpos ultra-potentes com base em sua estrutura”, afirmou o autor sênior, Yi Shi, professor-assistente de biologia

celular da Pitt. “Ao fazer isso, não fornecemos apenas detalhes sobre os mecanismos que nossos nanocorpos usam para derrotar o Sars-CoV-2, mas também revelamos instruções sobre como projetar terapias futuras.”

No fim do ano passado, Shi e sua equipe anunciaram que haviam extraído fragmentos de anticorpos Sars-CoV-2 minúsculos, mas extremamente poderosos, de lhamas que poderiam ser transformados em terapêuticas

inaláveis para prevenir e tratar a covid-19. Desde então, estudos pré-clínicos verificaram que os potentes nanocorpos evitam e tratam a doença grave em hamsters, reduzindo as partículas virais nas vias respiratórias em um milhão de vezes, em comparação com o placebo.

Nesse último estudo, Shi e outros cientistas usaram microscopia crioelétrica de alta resolução para observar exatamente como os nanocorpos interagem com

o vírus, de forma a impedi-lo de infectar as células. O objetivo também foi descobrir como as mutações encontradas podem afetar as interações dos nanocorpos. “Essa pesquisa não apenas ajudará nossa equipe a selecionar e refinar nanocorpos para tratar e prevenir covid-19, mas também pode levar a uma vacina universal, prevenindo não apenas essa doença, mas Sars, Mers e outras enfermidades causadas por coronavírus”, acredita o pesquisador.

ECOLOGIA COMPORTAMENTAL

Girafas têm relações sociais complexas

Cientistas da Universidade de Bristol descobriram evidências de que as girafas são uma espécie bastante complexa socialmente. Tradicionalmente, pensava-se que esses animais tinham pouca ou nenhuma estrutura social e apenas relacionamentos fugazes e fracos. No entanto, nos últimos 10 anos, pesquisas têm mostrado que eles são muito mais avançados nesse sentido do que se imaginava.

Em um artigo publicado, ontem, na revista *Mammal Review*, Zoe Muller, da Escola de Ciências Biológicas de Bristol, demonstrou que as girafas passam até 30% de sua vida em um estado pós-repro-

duativo. Isso é comparável a outras espécies com estruturas sociais altamente complexas e cuidados cooperativos, como elefantes e baleias orcas, que passam 23% e 35% da vida em um estado pós-reprodutivo, respectivamente.

Nessas espécies, foi demonstrado que a presença de fêmeas na pós-menopausa oferece benefícios de sobrevivência para a prole aparentada. Em mamíferos — incluindo humanos —, isso é conhecido como a “hipótese da avó”, que sugere que as fêmeas vivem muito depois da menopausa para que possam ajudar a criar gerações sucessivas de descendentes, garantindo, assim, a

Doug Cavener/Divulgação



preservação de seus genes.

Os pesquisadores propõem que a presença de girafas fêmeas adultas pós-reprodutivas pode funcionar da mesma maneira e apoiar a afirmação de que esses animais tendem a se envolver na criação cooperativa, junto com as mães, contribuindo para o cuida-

do parental compartilhado.

“É desconcertante, para mim, que uma espécie africana tão grande, icônica e carismática tenha sido pouco estudada por tanto tempo”, diz Muller. “Esse artigo reúne todas as evidências para sugerir que as girafas são, na verdade, uma espécie social altamente comple-

Estudo mostra que fêmeas vivem muito tempo após o período reprodutivo para ajudar a criar as novas gerações

xa, com sistemas sociais complexos e de alto funcionamento, potencialmente comparáveis aos elefantes, cetáceos e chimpanzés. Espero que esse estudo estabeleça um limite, a partir do qual as girafas serão consideradas mamíferos inteligentes, que vivem em grupo, que desenvolveram sociedades complexas e altamente bem-sucedidas, o que facilitou sua sobrevivência em ecossistemas infestados de predadores.”

Mais pesquisas

A fim de os estudiosos reconhecerem as girafas como uma espécie socialmente complexa, a cientista sugeriu oito áreas-chave para pesquisas futuras, incluindo a necessidade de compreender o papel

que os adultos mais velhos e pós-reprodutivos desempenham na sociedade e quais os benefícios de aptidão que trazem para a sobrevivência do grupo.

“Reconhecer que as girafas têm um sistema social cooperativo complexo e vivem em sociedades matrilineares aumentará nossa compreensão de sua ecologia comportamental e das necessidades de conservação. As medidas de conservação terão mais sucesso se tivermos uma compreensão precisa da ecologia comportamental das espécies. Se virmos as girafas como uma espécie altamente complexa socialmente, isso também aumenta seu ‘status’, no sentido de serem um mamífero mais complexo e inteligente que é cada vez mais digno de proteção.”